ANO II — Lisboa—Quarta-feira, 12 de Junho de 1918 — N.º 388

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão—Rua de Stafula, 134

Editor—João R. Santos

Telefone: C. 1635

O nosso germanofilismo

Pretendem alguns jornaes de opinião republicana n sua fórma mais radical, e entre esses principalmente o orgão do choradinho evolucionista-mór que Deus haja, que nós somos infalivelmente, terrivelmente genanofilos.

Germanofilos..., chamam elles a todos os nossos geos, ás nossas mais pequeninas frases, a tudo emfim o que se diz nas colúnas e um jornal a demonstrar-lhes o erro a democracia e a exigir o restabelecimento da ordem pela competencia e pela oparquia.

Não sei, sene os move a chamar-nos germanofilos o medo aterrorisador a uma plejade e moços, que melhor souberam definir Patria pelo exemplo da tradição, que haram pôdre o residuo do cadinho que rviu para analise das democracias, e se sob a divisa do *Verdadeiro Rey* cta em suas hostes uma grande parte (Portugal culto e sincero.

Não são mos illudidos romanticamente pelás ideias dcontracto Social de Rousseau, nem pelinterpretações continuas de Edmond de liey ou de Esmein ou de tantos outros e de cada fórma e feitio procuraram deir a teorica Soberania do Povo inconente, e a illusão anti-patriotica de democracias.

Não. Nós apidemos nos ultimos tempos a grande lição dos factos, e sinceramente renegam todas essas doutrinas flageladoras e reas para nos virmos colocar precisamente no prolongamento da Historia, e ra sentirmos a Patria mais uniformemente constituida que segundo o axioma obre de Auguste Comte não se compõde individuos isolados mas sim de famili.

E' talvez o meio que a isso os leva ao verem o acolhimento satisfatorio ao nosso trabalho de proganda a um exemplo, (nem bem uma ide sem doutrina), mas melhor ainda umação de Historia, que tão bem aceite é, elos que não sendo romanticos querem regeneração duma Patria que até ane em riscos da perda de independencia.

O medo leva-os procurar excitar contra nós as acusação tremendas dum publico fanatisado, anicioso e ludibriado, lançando-nos por ortugal inteiro aos quatro ventos o lab de germanofilos.

São germanofilos... são germanofilos... aponta-nos imeiramente com o seu dedo indicador celebre orador das alforjas e dos comicos onde sómente quiz acuiar contra a Patr a multidão dos proletarios.

São germanofilos... são germanofilos... repetem em oro as multidões patadas e inconsciente.

Tem graça. Devoos ter pena deles e do fanatismo que obsséca.

Querem levar-no ao *bom caminho deles*; não querem r os tais germanofilos em Portugal qurem que todos á uma sejam bem aliadofil, sinceramente maçonicos, retintamen democratisados.

Somos bem anti-maçonicos. Muito contrarios a essa seita secreta, que trabalhando nas trévas anti-patriotica, anticatolica e anti-famiar. Nunca poderiamos ser partidarios ou antes e melhor *complices* duma *quadrilha* de toupeiras que minando a terra minaram a familia, minaram os tronos nplantando a anarquia.

Alem, disso o maçon não tem nem pode ter vontade propri, é o pior caso de *tirania*, ele *pensa* pel seita, ele executa sómente o que a seita uizer—é um automato sem fala de que o bandido-mór dispõe por meio de umcordelinho.

Vontade, querer, tud isso não existe. Ali ha somente uma Patria, a patria governada pelo querer do chefes da quadrilha—uma patria de canopolitas, renegados de suas verdadeiras patrias—, ha só uma unica familia, a familia de irmãos é aprendizes que não conhecendo religiões se familiarisam com o crime.

Anti-democraticos todos sabem que o somos para sermos portuguêses e militaristas.

Aqui sómente tinho a citar o que o chefe do ministerio francês republicano M. Charles Depuy confessou ao redactor do *Figaro* Adolfo Brisson.

... «Nous virons depuis 28 ans sur un pieuse equivoque. Et il est suprenant qu'elle ait pu si long temps durer. Nous placé côte á côte une armée et une democracie. Or il n'est que trop vrai que ces deux institutions ont pour fondament deux principes contradictoires.

Si vous affaiblissez l'armée vous mettrez en peril l'independance nacionale: si vous maintenez ses traditions et ses droits, la societe civile s'en alarme en nom de la liberté. C'est le tourment de l'homme moderne d'être tiraille entre ces deux sollicitations opposés.

Nous sommes attachés a lá liberte mais il nous faut assurer l'independance de la patrie, c'est la plus sacré des devoirs.»

Só se são germanofilos, os que dizem que a Alemanha tem um exercito organisado superiormente pelo espirito bem definido do governo pessoal, da hierarquia e competencia, que os tem levado a uma suprémacia sobre *une foule inexpérimentée* armada pela democracia. Isso todos o sabem, a isso se referiram todos os politicos franceses desde 1870 para cá.

No entender dos espiritos facanhos para não ser germanofilo tem que se dizer que o exercito da Alemanha, é um exercito de botentotes, de antropofagos ou de monstros anti-diluvianos, que em figuras humanas nasceram para perturbar o mundo inteiro, arrazar todas as catedrais e acordar o somno lêdo e feliz de todas as democracias.

Sejamos rasoaveis, e toda a gente verá que temos rasão.

Nós não sómos germanofilos, nunca o poderiamos ser atualmente. E mesmo que o tivessemos sido, que tivessemos *in lilo tempore* desejado a vitória da Alemanha para demonstrar a todas as democracias o que é preciso para a vitalidade verdadeira de Patria, com um exercito disciplinado e disciplinador, nós atualmente ante a nossa participação na guerra não podemos ser germanofilos.

Se nós desejassemos agora a vitória da Alemanha seriamos renegados, que todos me oiçam e principalmente quem melhor quer ouvir, seriamos os maiores dos renegados.

Ha em Flandres almas irmãs das nossas, bocas que lá falam a mesma lingua e que ao tremôr horrivel das batalhas continuas se lembram com saudade das paisagens que formam suas terras e de *corisos* deste Portugal que é nosso.

São esses nossos irmãos, nossos amigos, nossos compatriotas, e desejar a vitória da Alemanha seria desejar a derrota dos que lá fóra se defendem como leões e morrem com honra.

E' um absurdo que todos os que conhecem nossas ideias baseadas na supremacia de Patria a todas as outras, devem vêr que nunca poderiamos desejar a volta vencida de um grupo de portuguêses armados, que embarcou em Alcantara para defeza de uma *liberdade universal* que as almas rudes e francas da serra não sabiam compreender.

Bem ou mal, com obrigação ou sem ela, não podemos discutir, mais tarde no-lo dirá a Historia, mais tarde no-lo dirão as consequencias.

Eu acredito que todos os verdadeiros portuguêses assim pensam, e que esses mesmos não nos podem chamar germanofilos. Desses é que queremos o julgamento e justiça de seu alto juizo, e não de um povo infelizmente fanatisado e embrutecido pelo que dizem gazetas que em logar de defenderem a Patria em perigo defendem ideias democraticas e velhas e caduces republicas.

Velha em 7 anos, nótem que a monarquia não se tordou velha em 8 seculos.

Velhas em 7 anos, com que rapidez atingiram a maturidade e procreação. Chega a admirar! Não tem que vêr que a Republica democratica em Portugal é um caso patologico unnca visto, uma anormalidade aberrecional unica!

Nós temos o grande culto da Patria pela terra querida que durante anos passados foi trilhada por figuras valorosas e que escrevendo a Historia *repolsam o sono eterno dos mortos* no panteon de gloria da mesma terra.

Cada região, cada terrinha nos fala dum antigo Portugal, por assim dizer cada logar *anda pinculado* á alma portuguêsa por alguma batalha, por qualquer feito heroico, por qualquer recordação que o torna bem nosso.

E' a terra pequenita de Portugal para tão grande historia que assistiu á independencia bem proclamada em Aljubarrota, e em 1640, a terra que vitoriosa foi percorrida pelos cavaleiros que em guerras santas alargaram seus dominios afastando os mouros.

E' a terra onde *os mortos falam em nosso sangue* incitando-nos ao exemplo da tradição e á obrigação de sermos monarquicos para melhor sermos portuguêses.

Quem professa tal culto não póde ser germanofilo *como eles querem*, e unicamente nos alcunham de germanofilos aqueles que nunca tiveram o trabalho ou talvez a compreensão precisa para pensarem bem no ridiculo em que se encontram ao admitir tal absurdo.

Emfim descancem, descancem todos os sinceramente alindofilos; nós confessamos-lhes muito confidencialmente que não somos germanofilos; não, nós somos sómente e simplesmente portuguêses... verdadeiros portuguêses e mais nada...

E sendo verdadeiros portuguêses, escusamos de ser mais nada...

Lisboa,—Junho de 1918.

José Luiz da Silva Dias

Aos leitores da «Monarquia»

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim d'ellas o mandar para os nossos soldados no «front».

O Espectro da Rosa

Não pode ficar sem o registo do nosso melhor aplauso a linda festa de arte agora dada em casa da senhora Dona Maria Emilia Macieira Lino e de seu marido o senhor José Lino Junior.

A bela vivenda da Coya da Moura em cujas salas vive a tradição da mais gloriosa das festas de camara, a da ressurreição do *Auto da Mofina Mendes*, animou-se de um entusiasmo novo com a presença de uma assistencia de artistas e homens de letras que ali foram apiaudir *O espectro da Rosa*, dançado pelas meninas Maria Cristina Santos Lino, filha da senhora D. Alda Lino e do senhor Raul Lino, e Antonio de Brito Lino, filho dos donos da casa.

As duas crianças, primos no sangue e irmãos no talento, demonstraram nas rapidas scenas do bailado, uma intuição maravilhosa do ritmo e uma compreensão exacta de uma responsabilidade que ninguem lhes poderia pedir.

Encantadora aquela noite de beleza e bem compensados os esforços das duas familias, tão ilustres pelas suas preocupações estéticas no meio da banalidade rasa dos chamados salões de Lisboa.

Por conveniencia de paginação publicamos na 2.ª pagina a nossa secção «Quotidianas».

Nas hostes do Pelicano

Mais um soldado se alista



Antonio Pires de Mendonça

As fileiras integralistas onde tantos nomes de ilustres militares teem praça assente, acaba de ingressar mais um soldado, que já conhece a dura vida das trincheiras e a ardencia sublime dos combates.

Atonio Pires de Mendonça é um beirão! olhos escuros, rosto comunicativo e finco, daquela franqueza que tanto caracterisa a alma aventurosa do nosso povo.

Descendente a uma nobre familia de tradições monarquicas e catolicas, dentre a qu sobresai o sr. Conde de Penha Garc ele não podia ser extranho a um movimento como o nosso que só pretende fazr um Portugal mais alto de que as gações vindouras se possam orgulhar, m dizendo a nossa obra.

Antnio Pires de Mendonça, ao rebentar a gerra, levado pelo seu ardor militar de português, foi alistar-se na *Legião-Estrangeira*, onde se portou como um brio, sendo ferido pela primeira vez em Ans quando se afastara um pouco do sentegimento seguido pelo seu tenente, um valente francez que agora está prioneiro dos alemães.

Com é sabido, em cada regimento alemão um certo numero de soldados destinam apenas a alvejarem os oficiaes com bal explosivas.

Os ofiaes são geralmente conhecidos por se esservarem de pé, o que fez com que eles visassem particularmente.

Louco entusiasmo, lança-se para a frente co tal denodo que o tenente prevendo o u fim, viu-se obrigado a brad-lhe:

—Mendonça não avance tanto! Conserve-se na linha!

Uma bala explosiva veiu esfacelar-lhe a não esquerda! Não im orta! E continua a disparar com a arma na dextra!

Mas o sangue corre-lhe abundantemente de ferimento e quasi que se esv i.

O tenente cae nas mãos do inimigo. Ele então, vendo tudo perdido, arrasta-se até ás suas linhas e vae cair extenuado sobre a estrada.

Mais tarde é ferido novamente na ofensiva da Champagne com estilhaços de granada no rosto.

Sobre o peito do valente soldado ostentam-se a cruz de feridos e a «fourragère» da Legião de Honra.

Em breve duas cruzes de guerra a que tem direito por duas citações na ordem do dia esmaltarão o peito do valente Portugués que nesta hora vem oferecer todo o seu esforço e todo o seu valor á causa santa da Patria, que tão bem tem sabido honrar!

Pires de Mendonça conta-nos varios casos uns cor josos, outros irritaveis. Conta-nos a galhardia dos franceses para com ele e certos factos de que não sae muito bem a reputação do então nosso representante em Paris...

Mas... emfim! Tudo passou! E perante a grandiosidade dos combates que ele nos descreve, perante o espectaculo extremo dos exercitos todas as susceptibilidades desaparecem, todas as coisas mesquinhas da vida se apequenam mais!

—De tantos portugueses que se alistaram na Legião só eu me encontro lá; um grande numero desses bravos tombou para sempre sobre a terra francesa; os outros não sei o que é feito deles. Eu mesmo, se não passei ao exercito portugues como alguns, foi porque fui dado incapaz desde agosto de 1916, pelas doenças adquiridas no campo da batalha.

De todas as demonstrações de gentileza que teve, uma ha que jamais lhe esquecerá:—passáva ele em frente á estação do Rocio envergando a farda com as condecorações, quando uma senhora franceza, acompanhada do seu marido, se chegou ao pé dele, e depois de lhe apertarem calorosamente a mão, tirou algumas flores dum ramo que levava e galhardamente lh'as ofereceu.

Quando chegou a Feixoso, sua terra natal, para convalescença, as senhoras da terra vieram todas oferecer-lhe flores, saudando o heroe que regressava ao Lar.

Pires de Mendonça parte por estes dias novamente para França onde mais uma vez vae honrar o nosso nome.

Integralista convicto e fervoroso, ele é mais uma gloria do nosso movimento.

Que o seu exemplo fructifique e que, terminada a imensa sangueira que enluta o mundo, o Deus da nossa Crença permita que ele venha ser um dos valentes soldados da Causa da Restauração!

João Camilo Felix Correia.

De novo...

Outem nosso colega *O Dia* publicava outra quad do nosso redactor-principal, entre mais umas enviadas á *Festa do Cravo*. E' a essa quadra:

Não vás aguia, tão alta,
—Teus os tentam os meus...
Saudade sei lá de nada?!
Talvez dades de Deus.

Ao lê-la, them nós protestamos,—e indignadamente. Já é vontade de reincidir, depois lição recebida do Mayer da *Manhã* e Mendes da *Tarde*. O «Derrotismo»,—co eles dizem—,é incurável no Dr. Anton Sardinha! Está-se mesmo á vêr a aguia joar e os nossos soldados a dizerem-*lhe aguia não vões tanto, que me dás vontade de desertar e ir atrás de ti!* isto com uma fortaleza,—e ainda por cima castigo dum soneto do senhor Mayer numa crónica do senhor Mendes!

Até as aguias servem para a sua propaganda crimosa! E aguias,—não sei se nos entend—, demais a mais. Já é, na verdade!

«Os derotistas»

O nosso presado colega *O Dia*, transcrevendo para as suas colunas o inqualificavel eco do *Jornal Tarde*, declarava que o fazia, não para responder, mas para seu castigo instante, partindo como partia essa edição inimiga *corgão fiel closo do governo que é chefe o sr. dr. Sidonismo, ao qual tem dado o nosso desvelo, mas constante e leal apoio.*

Também nós lhe tem dado, ilustre colega! Mas como somos germanofilos, o melhor é não continuar, pois podemos comprometer sua ex... ência...

Nuno Range os Santo

Vindo de Lausanne, onde se encontrava tirando o seu curso de enheiro, chegou a Lisboa, dando-nos o praser da sua visite, este nosso presado amigo, Nuno Rangel dos Santos nas impressões que trocámos falou-nos da sua propaganda integralista na colonia portuguêsa de Lausanne e do sucesso com que a viu coroada. Mais devagar, nosso jornal recolherá da sua boca as notas curiosas. Por hoje um abraço de boas-vindas.

MAYER & MENDES ou 'O reinado dos burros'

Já havia o Mayer. Ha agora o Mendes. Um, Mayer, com o seu apelido estrangeirado de *meteco*,—outro, com o seu Mendes suspeitissimo de christão-novo. Pois, acasalaram-se agora os dois compadres,—o Mayer da *Manhã* e o Mendes da *Tarde*, afinal, uma e a mesma pessoa em duas pessoas diferentes, Amigos ambos de Norton de Matos, enquanto um lhe celebrava as virtudes em lirismos tresandando á *Cantata* do avô, o outro, mais pratico, deitava volume, falando entendidamente do *Milagre de Tancos*. O que foi esse Milagre sabemos nós!—alguns mil réis para a algibeira do senhor Mendes com o seu livrinho de reporter bem trajado, e bastantes centenas de contos, avolumando, á custa do Estado, a turba nunca farta dos nossos *novos ricos*.

Depois, vem a guerra,—a ida de tropas. Mayer ficou cá, prégando a cruzada no convivio familiar daquelas três senhoras, de pelos no queixo, D. Liberdade, D. Igualdade e D. Fraternidade, suas tias.

Mais arrojada, a outra metade,—o Mendes sempre se abalançou a partir. Partiu, viu a guerra em *mirone* e á volta, botou outra vez volume. A mania que deu nos jornaleiros do nosso jornalismo resulta nisto: querem por força que os tomem como homens de letras.

Fantasia pronto, inventava, entretanto, o romance de certo colar... Aqui o Mendes da *Tarde* afastou-se um pouco do Mayer de *Manhã*. Mas eis-los de novo agarradinhos, um de manhã, outro de tarde, na sua obra de descredito e de insinuação perfida. Pois não se haviam de encontrar as duas metades, tão juntinhas, ainda ha tres anos, quando atacavam o governo Pimenta de Castro? Rejuntemos com o caso, que, bem desfiado, era para a pena de José Agostinho, mais outro canto a acrescentar aos seus *Burros*, de inolvidavel memoria. Ora o Mayer! Ora o Mendes! Duas metades duma pessoa só, ou seja simplesmente um simbolo: Adelino Mayer Mendes Garção.

«Santo Antonio»

Amanhã *A Monarquia* publicará uma poesia inedita—*Santo Antonio*—do ilustre poeta Afonso Lopes Vieira.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Que Foch dispõe das suas reservas e com elas sobre Paris, diz o «Globe», de Londres.

Perfeitamente de acordo e aqui temos nós justificada a relativa morosidade do avanço alemão sobre Compiégne.

Trata-se evidentemente duma lucta desesperada em que dum lado os combatentes luctam, para tornar hyper-cara a posse de cada palmo de terreno e do outro de cabeça baixa, como o toiro, quando mar ra, eles teimam com afinco em ir por deante, sejam quaes forem as perdas e baixas sofridas. Lucta de vida ou de morte, aproveitando o «belle saison» em todos os seus dias e, quasi iriamos a dizer, em todas as suas horas...

Aquele romper violentissimo das hostilidades em 21 de março, em pleno equinoxio de primavera, foi deveras significativo! Na nossa cronica de ontem atribuimos nós aos alemães a intenção de rectificar a sua frente, desde Montdidier, entre o Somme e o Ancre a Chateau Thierry sobre o Marne—passando a linha de frente por Compiegne.

E' ainda esse o juizo que hoje fornecamos. Constituir-se-iam desta maneira, um grande saliente, com os planos apoiados em obstaculos naturaes—os rios citados—e com um tal desenvolvimento de frente que difficultaria aos aliados de qualquer manobra sobre as linhas de retaguarda do adversario.

Além disso a propria rectificação da frente de Montdidier a Chateau-Thierry representaria para o inimigo uma economia nas forças da 1.ª linha e portanto uma maior densidade nas reservas e massas de ataque.

Mas vemos hoje alguns aventar-se uma outra hipotese: a da intenção germanica em cercar entre as suas garras Novon-Montdidier e Noyon-Chateau Thierry, os exercitos de Foch.

Talvez... mas francamente não vemos, por ora, desenhar-se tal manobra, que seria caracterisada—evidentemente por uma grande pressão nos flancos—para os lados de Beauvais e de Meaux, sobre o Ourcq—e por uma intencional afrouxamento no centro—Lassigny, Ressons, floresta de Thiécourt.

Ora não é nada disto que se vê. Pelo contrario, todo o arrauco alemão está exactamente no centro, levando como directriz Compiégne, e é relativamente frouxo nos flancos.

Donde a intenção de *marcar passo* nestes ultimos e dar *passos em frente* com o centro.

Donde a intenção de rectificar a frente, como é nossa opinião—bem sabemos que muito desautorisada.

E se o leitor quizer verificar não tem mais do que comprar o *Seculo* de ohtem e de vêr o «croquis» que vem na primeira pagina.

O saliente Montdidier-Compiégne-Chateau Thierry lá está indicado e tão claro como agua...

Saturio Pires.

Alexandre Cabeças

Não terminaram ainda as homenagens ao glorioso e querido morto. O nosso presado colega *A Gazeta do Lima*, além do belo artigo que ontem transcrevíamos publicava tambem a ultima carta do heroi, já dada nas colunas de *A Monarquia*, e o seu retrato.

Piedosamente fez a redacção do mesmo jornal rezar uma missa por alma de Alexandre Cabeças na igreja matriz de Viana do Castelo, no passado dia 5. Celebrou-a o nosso ilustre correligionario rev. abade de Meadela, membro da *Delegação Municipal Integralista* d'aquela cidade. A *Junta Central* e o nosso redactor-principal representaram-se por intermedio do nosso camarada dr. João de Espregueira da Rocha Páris.

Tambem nos consta que em Vila-Viçosa, terra natal de Alexandre Cabeças, um grupo de amigos pensa em lhe prestar uma significativa homenagem. Assim deve ser, porque o nosso desditoso amigo acrescentou com a sua morte mais um florão de gloria aquela boa e nobilissima povoação alentejana.

D. Luís de Castro

Na proxima quinta-feira realisa na *Associação Central de Agricultura* uma conferencia sobre *Politica agraria* o nosso ilustre amigo senhor Conde de Nova Gôa. Será, sem duvida, mais uma bela afirmação do seu alto espirito e amor profundo á terra portuguêsa.

Norberto Correia

Inicia hoje a sua colaboração na *Monarquia* Norberto Correia. Espirito claro de artista, aquecido pelo mais puro tradicionalismo, os nossos leitores já o conhecem pelo seu admiravel projecto do monumento comemorativo da guerra europeia. A sua arte nacionalisa-a Norberto Correia nas mais fundamentados razões. Motivo para dobrado jubilo o seu aparecimento na *Monarquia*, que é sua, como é de todos os integralistas.

Festa do Cravo

Em reunião da assistencia realisada no dia 5, decidiu-se que os cravos com as quadras apenas sejam vendidos na barraca da Avenida, no concurso hipico e no Jardim Zoologico no dia 15.

As senhoras informadoras e os seus grupos começaram a vender particularmente, a partir do dia 11, os cravos recortados para serem colados nas janelas na manhã do dia 15.

Neste dia as senhoras devem percorrer as areas que lhe foram destinadas e em todas as casas cujas janelas não tiverem cravo essas senhoras irão pedir que lh'o comprem.

As senhoras chefes dos grupos poderão mandar buscar os cravos de segunda feira em deante á rua Luz Soriano, n.º 55.

Já começaram a ser distribuidas as circulares pedindo as esmolas para as familias dos soldados.

Essas esmolas poderão ser entregues na séde da Assistencia, na rua dos Caetanos, 36, nas redacções dos jornaes que tão amavelmente nos tem prestado o seu auxilio e que ali abrirão uma subscrição para esse efeito e a qualquer das senhoras da comissão:

D. Antonia Tedeschi Placido, D. Beatriz Ortigão Ramos, condessa de Arcalhô, condessa da Fonte, condessa de Sabugosa e de Murça, condessa de Seisal, D. Ribeiro Ferreira, D. Henriqueta Moreira de Almeida.

D. Honorina Moraes Graça, D. Joana Folque Souto, marqueza do Lavradio, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho, D. Maria de Lancastre Van-Zeller, D. Maria Rita Ferrão de Mascarenhas, D. Sofia Burnay de Melo Breyner, viscondessa dos Olivaes.

Oficiais reintegrados

A ultima *Ordem do Exercito* reintegrou os antigos oficiais srs. Antonio Rodrigues Montez, Francelino Pimentel, José Augusto Rebelo e José Bruno de Cabedo perseguidos politicos a quem injustamente foram arrancadas as suas respectivas fardas, que souberam enobrecer com intelligencia e caracter, como Antonio Montez e Francelino Pimentel, portadores ambos dos colares da Torre e Espada.

E' um acto de justiça que incondicionalmente aprovamos.

O patriotismo do Mayer

Mayer, o rouxinol desafinado da democracia, vem hoje muito satisfeito, porque julga que os franceses foram derrotados...

Mayer que nunca mostrou interesse de maior por Portugal, pelo seu futuro e pela sua prosperidade, porque ele só em sua frente vê a liberdade do seu Afonso, a fraternidade dos temitas, e a igualdade do seu Figaro, Mayer Garção porque julga que os alemães venceram, não ataca hoje os nacionalistas franceses, com Maurras e Daudet á frente, nem lhes chamou possessos...

São curiosos sintomas que recolhemos para o estudo do patriotismo do Mayer:—quando os alemães perdem, o director da *Manhã* encolerisa-se contra os amigos da França e quando julga que os imperios centrais contam mais uma victoria—o sonetista do sr. Afonso Costa manda pôr, bem á vista, no seu jornal, as suas esperanças e os seus calculos, e esquece Maurras e Daudet que foram os unicos que apontaram aos tribunais o Bonnet Rouge, o Bolo-Pachá, Malvy, etc....

O patriotismo de Mayer é muito notavel!

A retalho e por atacado

Numa secção sugestivamente encimada de *Arte*, apareceu ha dias no *Diario Nacional* a reprodução duma «maquette» que se diz ser, em arquitectura, estilo genuinamente português e a que o seu autor chamou—*O casal da Margarida*—, e que, apesar do titulo, não consegiu entrar na Exposição Nacional de Belas Artes, tendo de ir exibir-se numa montra do Chiado, entre cortes de vestidos e manequins de labios e unhas ensanguentadas, vestidos com as ultimas produções da Moda.

Eu não pretendo de forma alguma apresentar as razões que impenderam no animo de Jury para rejeitar este trabalho e nem quero analisar a obra no seu conjunto e no sabor evocativo de nacionalismo artistico que dizem atestar.

O caso para mim tem uma faceta especial, que não me dispenso de comentar e que vem a ser o efeito que o autor da local—*L*, 7.—quiz tirar, quando, evidentemente apreciar a recusa do Jury de admissão da S. N. B. A. afirma que esteve uns dias na montra dum grande estabelecimento do Chiado, onde a multidão se aglomerou na contemplação do projecto, do *qual se fizeram então espontaneamente algumas encomendas*.

Esta de se fazerem encomendas do mesmo projecto tem grandes afinidades com a universal e conhecida formula do receituario de pilulas:—como esta ou 5, 6 ou 20.

Assim, por esta formula sumaria e por estes processos comerciaes, somos levados a concluir que a arquitetura é sucedanea destes ramos de vida e que não pretende resolver enunciados de problemas postos nas equeções dos seus programas e com todas as variantes que determinam os meios fisicos da região, as afinidades etnicas, as leis que resultam dos elementos construtivos e finalmente as verbas orçamentaes.

Tudo isto é nada.

Olha-se a construção por fora, como se olha um scenario e desde que o tip